



SIGMUND FREUD EM 1885

0,75

EDIÇÃO *STANDARD* BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com Comentários e Notas de JAMES STRACHEY
Em Colaboração com
ANNA FREUD

Assistidos por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME I
(1886-99)

PUBLICAÇÕES
PRÉ-PSICANALÍTICAS E ESBOÇOS INÉDITOS

Direção de
JAYME SALOMÃO

3ª EDIÇÃO

Totalmente Revisada pela Dra. VERA RIBEIRO



IMAGO EDITORA
- Rio de Janeiro -

**BIBLIOTECA
DO IEPP**

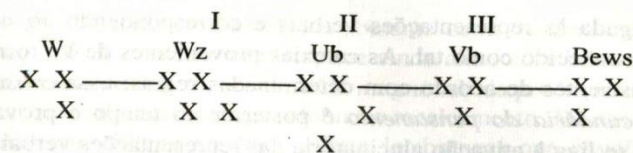
CARTA 52²

... Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. Postulei a existência de um tipo parecido de rearranjo (*Afasia*), há algum tempo, para as vias que vão da periferia [do corpo para o córtex].³ Não sei dizer quantos desses registros há: três, pelo menos, provavelmente mais. Isto está mostrado na figura esquemática que se segue [Fig. 7], que supõe que os diferentes registros também estejam separados (não necessariamente segundo o aspecto topográfico) de acordo com os neurônios que são seus veículos. Essa suposição talvez não seja necessária, mas é a mais simples e é provisoriamente admissível.

¹ [Ver nota de rodapé 2, pág. 307.]

² [Datada de Viena, 6 de dezembro de 1896.]

³ [Referência a uma passagem na monografia de Freud sobre a afasia (1891b), pág. 55 da edição alemã (pág. 53 da tradução inglesa).]



[Fig. 7]¹

W [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, nelas mesmas, não conservam nenhum traço do que aconteceu. Pois a *consciência e a memória são mutuamente exclusivas*.²

Wz [*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)] é o primeiro registro³ das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade.

Ub (*Unbewusstsein*) [inconsciência] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações (talvez causais). Os traços Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência.

Vb (*Vorbewusstsein*)⁴ [pré-consciência] é a terceira transcri-

¹ [Essa figura prenuncia os quadros esquemáticos do aparelho psíquico no Capítulo VII (B) de *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), Edição Standard Brasileira, Vol. V, págs. 573-7, IMAGO Editora, 1972. As abreviações aqui usadas também prefiguram as abreviações empregadas nessa outra obra posterior, que são conhecidas nas duas versões inglesas e que aparecem pela primeira vez na Carta 64 e no Rascunho N, seis meses depois da presente carta (págs. 350 e 352, adiante). A abreviação “Bews” significa “Bewusstsein” (consciência).]

² [Breuer tinha assinalado isso nos *Estudos sobre a Histeria* (1895a), *ibid.*, Vol. II, pág. 241n, IMAGO Editora, 1974, e Freud o estudara mais atentamente na Parte I, Seção 3 do *Projeto*, assim como em outros trabalhos. (Ver pág. 318, adiante). – No fim da frase anterior, o manuscrito consigna “des Geschehenen”. *Anf.*, 186, grafou “des Geschehens” (“do que acontece”).]

³ [“Niederschrift”. Na descrição correspondente, encontrada em *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), Edição Standard Brasileira, Vol. V, pág. 575, IMAGO Editora, 1972, a palavra usada é “Fixierung”, ali traduzida como “registro”. Ver a nota de rodapé do Editor inglês, atrás, pág. 187.]

⁴ [Pelo que se sabe, é esta a primeira vez em que aparece esse termo, que, no entanto, surgiu pela primeira vez, numa publicação, em *A Interpretação dos Sonhos*, Edição Standard Brasileira, Vol. IV, pág. 359, e Vol. V, pág. 532, IMAGO Editora, 1972.]

ção, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso ego reconhecido como tal. As catexias provenientes de *Vb* tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa *consciência secundária do pensamento* é posterior no tempo e provavelmente se liga à ativação alucinatória das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmos, destituídos de memória.

Se eu conseguisse dar uma descrição completa das características psicológicas da percepção e dos três registros, teria descrito uma nova psicologia. Disponho de algum material para isso, mas não é esta a minha intenção, por ora.

Gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psiconeuroses com a suposição de que essa tradução não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas consequências. Pois sustento firmemente a crença numa tendência ao ajustamento quantitativo.¹ Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram os *'fueros'*;² estamos em presença de "sobrevivências".

Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como "recalcamento".³ Seu motivo é sempre a produção de desprazer que seria gerada por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução.

Dentro de uma mesma fase psíquica e entre os registros da mesma espécie, forma-se uma defesa *normal* devida à produção do

¹ ["*Quantitativen*", no manuscrito. "*Qualitativen*", nos Anf., 187.]

² [O "*fuero*" era uma antiga lei espanhola que vigorava em determinada cidade ou província e garantia os privilégios perpétuos dessa região.]

³ [Cf. nota de rodapé 1, pág. 372, adiante.]

desprazer. Já a defesa *patológica* somente ocorre contra um traço de memória de uma fase anterior, que ainda não foi traduzido.

Certamente não é por causa da *magnitude* da produção de desprazer que a defesa consegue efetuar o recalcamento. Muitas vezes, lutamos em vão precisamente contra lembranças que envolvem o máximo de desprazer. Foi por isso que chegamos à seguinte formulação. Se um evento *A*, quando era atual, despertou uma determinada quantidade de desprazer, então o seu registro mnêmico, *A I* ou *A II*, possui um meio de inibir a produção de desprazer quando a lembrança é redespertada. Quanto mais frequentemente a lembrança retorna, mais inibida se torna, finalmente, a produção de desprazer.¹ Contudo, existe *um* caso em que a inibição é insuficiente. Se *A*, quando era atual, produziu determinado desprazer, e se, quando redespertado, produz um novo desprazer, então este não pode ser inibido. Nesse aspecto, a lembrança se comporta como se se tratasse de um evento atual. Esse caso só pode ocorrer com os eventos sexuais, porque as magnitudes das excitações causadas por eles aumentam por si mesmas com o tempo (com o desenvolvimento sexual).

Assim, um evento sexual de uma dada fase atua sobre a fase seguinte como se fosse um evento atual e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (recalcamento), portanto, é a *natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior*.

Nem todas as experiências sexuais produzem desprazer; a maioria delas produzem prazer. Assim, a maioria delas está ligada a um prazer não passível de inibição. O prazer não passível de inibição dessa espécie constitui uma *compulsão*. Chegamos, pois, à seguinte formulação. Quando uma experiência sexual é recordada numa fase diferente, a liberação de prazer é acompanhada por uma compulsão e a liberação de desprazer é acompanhada pelo recalcamento. Em ambos os casos, a tradução para as indicações de uma nova fase parece ser inibida (?)²

¹ [Cf. a discussão sobre a "*domesticação*" das lembranças na Seção 3 da Parte III do Projeto (pág. 507 e segs., adiante).]

² [No manuscrito consta o ponto de interrogação.]

	1 1/2	4	8	14-15
Psfq.	Ia	Ib	II	III
Sex.	I		II	III

[Fig. 8]

Ora, a experiência clínica nos evidencia três grupos de psicose sexuais – histeria, neurose obsessiva e paranóia; e nos ensina que as lembranças recalçadas referem-se àquilo que era atual, no caso da histeria, entre as idades de 1 1/2 e 4 anos; no caso da neurose obsessiva, entre os 4 e os 8 anos; e, no caso da paranóia, entre os 8 e os 14 anos. Mas, antes dos 4 anos de idade, ainda não existe recalque, de modo que os períodos psíquicos do desenvolvimento e as fases sexuais não coincidem. [Fig. 8.]

O pequeno diagrama seguinte encaixa-se aqui: [Fig. 9, pág. 329.]

Pois uma outra consequência das experiências sexuais prematuras é a perversão, cuja causa parece consistir em que a defesa ou não ocorreu antes de estar completo o aparelho psíquico, ou não ocorreu nunca.

Basta da superestrutura. Agora, passemos a uma tentativa de situar isso em seus fundamentos orgânicos. O que falta explicar é por que as experiências sexuais, que, na época em que eram atuais, geraram prazer, passam, quando são lembradas numa fase diferente, a gerar desprazer em algumas pessoas e, em outras, a persistir como compulsão. No primeiro caso, é evidente que elas devem estar liberando, numa época posterior, um desprazer que não foi liberado de início.

Também precisamos delinear a derivação das diferentes épocas, psicológicas e sexuais. Você me explicou estas últimas como sendo múltiplos especiais do ciclo feminino de 28 dias.¹

	Wz	Wz + Ub	Wz + Ub + Vb	Idem
	até 4 anos	até 8 anos	até 14-15 anos	
Histeria	atual	compulsão	recalçado em Wz	
Neur. obs.		atual	recalçado nas indicações de Ub	
Paranóia			atual	reprimido nas indicações de Vb
Perversão	atual	atual	compulsão (atual)	recalcamento impossível ou não tentado

[Fig. 9]¹

¹ [As abreviações usadas neste diagrama são explicadas na pág. 325, atrás.]

¹ [Nesse ponto, seguimos os organizadores dos *Anf.* e omitimos uma longa passagem (duas páginas, no manuscrito), somente compreensível à luz da teoria da periodicidade de Fliess.]

A fim de explicar por que o resultado [da experiência sexual prematura (ver acima)] às vezes é a perversão e, às vezes, a neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos. Num ser puramente masculino, haveria um excesso de liberação masculina também nas duas barreiras sexuais¹ – isto é, seria gerado prazer e, em consequência, perversão; nos seres exclusivamente femininos haveria, nessas ocasiões, um excesso de substâncias causadoras de desprazer. Nas primeiras fases, as liberações seriam paralelas, isto é, produziriam um excesso normal de prazer. Isso explicaria a preferência das pessoas verdadeiramente femininas pelas neuroses de defesa.

Desse modo, a natureza intelectual dos seres humanos masculinos estaria confirmada com base na teoria que você propôs.

Por fim, não posso eliminar uma suspeita de que a indiferença entre neurastenia e neurose de angústia, que detectei clinicamente, esteja correlacionada com a existência das duas substâncias, de 23 dias e 28 dias.

Além dessa duas, sugiro aqui, poderia haver diversas substâncias de cada tipo.²

Cada vez mais me parece que o ponto essencial da histeria é que ela resulta de *perversão* por parte do sedutor, e *mais e mais* me parece que a hereditariedade é a sedução pelo pai. Assim, surge uma alternância entre as gerações:

1ª geração: Perversão.

2ª geração: Histeria e conseqüente esterilidade. Por vezes, há uma metamorfose dentro de um mesmo indivíduo: pervertido durante a idade do vigor e, depois, passado um período de angústia, histérico. Por conseguinte, histeria não é sexualidade repudiada, mas, antes, *perversão repudiada*.

Ademais, por trás disso está a idéia das *zonas erógenas*³ aban-

¹ [Ver as linhas duplas, na Fig. 8.]

² [Ver nota de rodapé 2, pág. 435, adiante.]

³ [Aparentemente, esta é a primeira vez em que surge esse conceito. Freud tornou-o público em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d), *ibid.*, Vol. VII (pág. 170, e segs., IMAGO Editora, 1972.)

donadas. Isto é, parece que, durante a infância, seria possível obter a liberação sexual a partir de muitas das diferentes partes do corpo, as quais, em época posterior, só são capazes de liberar a substância dos 28 [dias], e não outras. Nessa diferenciação e limitação [estaria, pois,] o progresso na cultura e na moral, assim como no desenvolvimento individual.

O ataque histérico não é uma descarga, mas uma *ação*; e conserva a característica original de toda ação – ser um meio de reprodução do prazer. (Isso, pelo menos, é o que o ataque é em sua origem; além disso, apresenta todos os tipos de outras¹ razões ao pré-consciente.) Assim, os pacientes aos quais foi feito algo de sexual no *sono* têm ataques de sono. Irão dormir novamente a fim de experimentar a mesma coisa e, muitas vezes, provocam dessa maneira um desmaio histérico.

Os ataques de vertigem e acessos de choro – tudo isso tem como alvo *uma outra pessoa* – mas, na sua maior parte, uma outra pessoa pré-histórica, inesquecível, que nunca é igualada por nenhuma outra posterior. Até o sintoma crônico de o indivíduo ser um dorminhoco preguiçoso é explicado da mesma forma. Um dos meus pacientes ainda choraminga durante o sono, como costumava fazer para ser levado para a cama por sua mãe, que morreu quando ele tinha 22 meses de idade. Parece que os ataques nunca ocorrem como uma “expressão intensificada de emoção”.²

.....